



GT 45. Etnografias da natureza: repensando dualidades

Coordenador(es):

Glúcia Oliveira da Silva (PPGMA UERJ)

Bernardo Lewgoy (UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

Sessão 1

Debatedor/a: Caetano Kayuna Sordi Barbará Dias (IPHAN)

Sessão 2

Debatedor/a: Annelise Caetano Fraga Fernandez (UFRRJ - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro)

A postura relativizadora que acompanhou o desenvolvimento da Antropologia como disciplina vem ganhando novos contornos com a crítica ao antropocentrismo e ao determinismo cultural. Com esse GT, pretendemos discutir textos teóricos ou etnográficos que instrumentalizem a compreensão sobre práticas humanas de modo a questionar a existência de um grande divisor e todas as outras fraturas dele decorrentes. Nessas últimas incluímos, a título de exemplo, as dicotomias presentes em contextos de colaboração, predação ou activity produtiva, estabelecidas por grupos humanos com outros seres vivos; são algumas delas: selvagem/domesticado/animais de companhia, caçador/caça, pescador/pescado, agricultor/culturas, etc. Outras oposições, tais como espécies nativas/ espécies exóticas, saber científico/saber popular/tradicional, podem ser acionadas quando espécies se tornam alvo de preservação ou de extermínio. Nas práticas científicas podem surgir ainda as distinções entre sujeito/objeto, pesquisador/cobaia, homem/máquina, artificial/natural, moderno/tradicional e seus desdobramentos. O GT pretende assim reunir trabalhos que convidem a pensar em novas possibilidades de descrever, analisar e interpretar esses e outros contextos, que vão deixando de ser exclusivamente sociais, como queria a antiga Antropologia, pressupondo a dissolução das fronteiras entre natureza e sociedade/cultura, na prática etnográfica.

Elas não estão sozinhas e sabem muito bem disso

Autoria: Jéssica Zaramella (UNB - Universidade de Brasília)

As mais variadas formas de relação entre os humanos e os demais seres vivos têm sido objeto de discussão e investigações antropológicas desde o começo da disciplina. Contudo, é a partir das últimas décadas que as análises e perspectivas a cerca destas relações vêm ganhando novos contornos, deixando em suspensão, ou pelo menos propondo fortes questionamentos sobre o grande divisor entre os humanos e os demais seres. Colocando em conexão os mais diversos saberes, sejam aqueles provenientes das comunidades, sejam aqueles advindos das mais diversas áreas acadêmicas, a Antropologia tem compreendido que para se conservar em um cosmos ? complexamente povoado por uma miríade de seres e entidades capazes de agir e interferir na vida dos humanos ? é preciso conhecê-lo, saber vivê-lo e habitá-lo. E mais, é fundamental que os humanos saibam como se relacionar com os outros seres vivos. Diante disto, as artes da política, outrora pensadas apenas entre humanos, passam a ser observadas em suas outras dimensões, fazendo emergir nos debates antropológicos a cosmopolítica. Se os humanos se relacionam com os outros seres, estes também se relacionam com os humanos. Ora, estas redes de conexões incomensuráveis exigem dos humanos saberes e conhecimentos específicos que os tornam capazes de habitar o mundo. Isto posto, este work tem como objetivo trazer para o debate o caso etnográfico das mulheres Kawaiwete desenvolvendo suas atividades na roça. Distante de ser um espaço vazio, a roça é habitada por uma diversidade de seres, os quais podem se



relacionar positiva ou negativamente com os humanos. Conhecer e saber se relacionar com as paisagens, os animais que habitam as roças e, sobretudo, com as plantas de cultivo e o seu espírito dono é indispensável para a garantia da alimentação de seus parentes. Para tanto, as mulheres estão em uma contínua negociação com os seres para conseguir alimentar e dar continuidade à sua descendência, o que expõe habilidades cosmopolíticas fundamentais para uma vida cotidiana bem-sucedida. Se para os Kawaiwete alimento verdadeiro é a comida da roça, é vital para a comunidade que as mulheres obtenham êxito em seus works. Cuidar da alimentação, das roças, das plantas, é cuidar da própria existência da comunidade. Sendo assim, a horticultura não é apenas uma atividade de subsistência, mas uma prática que borra as fronteiras entre o doméstico e selvagem, entre o dentro e o fora, entre os lugares harmoniosos e perigosos, e aponta que a cosmopolítica feminina exercida ali pode promover novos caminhos para se pensar o cotidiano e as relações que se desdobram nele com outros seres, bem como nos fazer repensar muitos de nossos conceitos e dicotomias.



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: